

# O FAUSTO DE CASTILHO

JULGADO

PELO

## ELOGIO-MUTUO

175

ARTIGOS COLLECCIONADOS E GLOSSADOS

POA

**JOAQUIM DE VASCONCELLOS**

✓

Wer seid denn ihr, dass ihr des Königs Hochpalast.  
Mänadisch wild, Betrunken gleich umtoben dürft?  
Wer seid ihr denn, dass ihr des Hauses Schaffnerin  
Entgegenheulet wie dem Mond der Hunde Schaar?  
Wähnt ihr, verborgen sei mir, welch Geschlecht ihr seid?  
Du kriegerzeugte, schlachterzogene junge Brut,  
Mannlustige du, sowie verführt verführende,  
Entnerwend beide, Kriegers auch und Bürger's Kraft!  
Zu Hauf euch sehend, scheint mir ein Cicadenschwarm  
Herabzustürzen, deckend grünende Feldersaat.  
Verzehrerrinnen fremden Fleisses! Naschende  
Vernichterinnen aufgekeimten Wohlstands ihr!  
Erobert, marktverkauft, vertauschte Waare du!

*Goethe (Faust, 2.<sup>a</sup> Parte, Helena).*

---

PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

1873

**N. B. O producto da venda d'este folheto reverte a favor do Hospital de Milhafolles.**



# O FAUSTO DE CASTILHO

JULGADO

PELO

## ELOGIO-MUTUO

ARTIGOS COLLECIONADOS

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Wer seid denn ihr, dass ihr des Königs Hochpalast  
Mänadisch wild, Betrunknen gleich umtoben dürft?  
Wer seid ihr denn, dass ihr des Hauses Schaffnerin  
Entgegenheulet wie dem Mond der Hunde Schaar?  
Wähnt ihr, verborgen sei mir, welch Geschlecht ihr seid?  
Der kriegerzeugte, schlachterzogne junge Brut,  
Mannlustige du, sowie verführt verführende,  
Entnerwend beide, Kriegers auch und Bürger's Kraft!  
Zu Hauf euch sehend, scheint mir ein Cicadenschwarm  
Herabzustürzen, deckend grünende Feldersaat.  
Verzehrerinnen fremden Fleisses! Naschende  
Vernichterinnen aufgekeimten Wohlstands ihr!  
Erobert, marktverkauft, vertauschte Waare du!

*Goethe (FAUST, 2.<sup>a</sup> Parte, Helena).*



PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA

1873

Port 5966.9

✓

22

Quem sois vós, para em torno do magestoso e real palacio  
Esbravejardes quaes Menades furiosas e embriagadas ?  
Quem sois portanto, para que contra a dona da casa  
Ladreis, como a matilha dos cães contra a lua ?  
Julgae talvez, que desconheça a origem da nossa raça ?  
Casta nascida da guerra, educada nas batalhas,  
Luxuriosa, seduzida e seductora,  
Depravando guerreiros e cidadãos !  
Vendo-vos juntos, pareceis-me qual enxame de gafanhotos  
Que cae, cobrindo a seára verdejante das campinas.  
Devoradores do trabalho alheio ! Lambareiros  
Destroçadores da prosperidade que desabrocha !  
Mercancia trocada, roubada, vendida em praça publica !

*Goethe (FAUST, 2.ª Parte, Helena).*



# AO LEITOR

---

Offerecemos-lhe aqui uma anthologia das criticas que a traducção do Visconde de Castilho provocou, assim como as que se fizeram á defeza do snr. Gomes Monteiro—pela sociedade do **Elogio-mutuo**. Possa ella dar ao leitor tão bons momentos de *humour*, como nós os tivemos quando lemos e agora relemos estas paginas de folhetins ephemeros, cuja vida por gratidão queremos prolongar ainda mais. Lemos todas as amabilidades que nos disseram, menos as de uns escriptores microscópicos que só com a lente se avistam. Possa esta *olla podrida* agradar aos nossos amigos. . . *Risum teneatis* . . .

Os documentos para a futura historia litteraria, devem ser desde já archivados, sobretudo aquelles, que assignados pelos primeiros vultos da nossa litteratura commercial, se referem a factos de importancia—e que marcam por isso época. A vida ephemera dos jornaes, torna esta precaução tanto mais necessaria, quanto é deploravel a incuria dos interessados que deixam estas perolas

perdidas e entremeadas com as noticias duvidosas das partes da policia, etc., etc., em fraternal companhia com tanto lixo litterario.

Em eras, que já vão longe, archivavam-se os documentos, até que um gordo frade ou um erudito mundano se lembrava de immortalisar as gentilezas dos antepassados n'um substancial in-folio. Hoje, mudou a moda. O folheto faz as vezes do in-folio, porque já não ha estantes de côro nos gabinetes de trabalho, nem um pagem officioso que sirva de caudatario para carrear com os peccados do âmo.

Não transcrevemos as criticas por inteiro, porque receiamos do amor fraterno dos nossos phariseus — algum processo por propriedade litteraria (1); mas para lhes abrandar ainda assim as iras, vae o folheto em beneficio de um estabelecimento, devéras nacional — e já por varias vezes proveitoso ás letras. O que offerecemos são fragmentos apenas, escolhidos todavia de tal modo, que foi extremado tudo o que era importante, isto é tudo o que se referia aos pontos de vista de criticos e criticados, com relação a Castilho e á tragedia de Goethe.

Entre estas criticas ha a distinguir duas especies, uma que elogia absolutamente a traducção de Castilho e a julga em alguns pontos quasi superior ao original

(1) Fizemos uma unica excepção, transcrevendo quasi por completo o impagavel folhetim do snr. Pinheiro Chagas no *Diario Illustrado*, a respeito dos *Criticos* do snr. G. M. Pedimos ao eminente critico do *Elogio-mutuo* licença para este favor, que desde já agradecemos. Achámos o todo tão harmonioso, que não soubemos nem podémos mutilar a producção sensivelmente.



de Goethe (1), e a outra, que faz elogios com restricções. Á primeira pertencem Camillo C. Branco, Pinhoiro Chagas; á segunda Anthero de Quental e Germano de Meirelles. Vê-se pois, que no proprio campo do **Elogio-mutuo** ha grave discordia.

N'esta escolha, que fazemos, só contemplamos as imminencias da nossa litteratura, *scriptores majores*; os *minores* e os liliputianos muito menos cabimento podiam ter, porque são apenas os ajudantes d'ordens, que recebem a inspiração na antecamara dos lacaios.

O pendant d'este folheto será o seguinte:

«**O Faust de Castilho julgado pela Critica estrangeira**, que apparecerá em differentes series, das quaes a primeira já está no prelo. Não podemos dizer quantas serão, porém, como a materia é larga, e os *barbaros-allemaes*, são muito ciosos, quando se trata de glorias como Goethe, esse aborto de que falla o Visconde de Castilho—é de crêr que lhe queiram fazer devidamente as honras da casa.

---

(1) Por exemplo: Gomes Monteiro: (*Os criticos*, pag. 135)... «o esplendor d'aquella poesia portugueza, em cuja presença parece INFIAR o proprio original».



I

**JUIZOS SOBRE A VERSÃO**

DO

**VISCONDE DE CASTILHO**

---

**Não sabe uma palavra de allemão.**

(Confissão propria, Fausto, advertencia, passim.)



## CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

«Sabes tu, meu amigo, que estou des-  
authorisado para aquilatar versões do  
alemão.»

(*C. C. Branco. ESBOÇOS DE APRECIÇÕES LITTERARIAS.*  
Porto, 1865, pag. 217; artigo: José Gomes Monteiro; ou  
REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL, vol. V,  
5.º anno, pag. 233, artigo: José Gomes Monteiro, pag.  
229-234).



# FAUSTO

Poema-dramatico de «Goethe»  
trasladado a portuguez, pelo snr. visconde de Castilho  
Porto. — 1872

(COMMERCIO DO PORTO de 4 de julho de 1872)

« Bem ponderados os elementos que subsidiaram o snr. visconde de Castilho na ardua interpretação do poema-drama de Goethe, podemos affoutamente dizer que está vertido em linguagem portugueza o « Fausto ».

A empreza era seductora para poeta affeito a sahir-se honrosamente de emprehendimentos arriscados; mas as fadigas, os desanimos e hesitações deviam de antemão a agorentar-lhe os jubilos da tarefa levada a tão lustroso exito.

O snr. visconde de Castilho tem hoje setenta e dous annos. N'este passo adiantado da vida, os grandes talentos repousam sob as reffloridas glorias dos outomnos de boa safara; e os talentos extraordinarios affestoam-se de recentes grinaldas. O destro jardineiro tira prodigiosas flores, redobrando e rajando as petalas que abrohhavam, annos antes, singelas, bem que formosas, na mesma tige. O arbusto envelhece, e a flôr renova-se mais betada de côres e opulenta de graças. Assim

aquelle peregrino engenho do mais insigne poeta portuguez da nossa idade (1).

.....

E, sempre com a lyra ou com a harpa, alternando amoraveis contentamentos com elegiacas melancolias, desterroando agros para alqueivar as searas das gerações vindouras, e levando pela mão o anjo da poesia (2) pelos atrios dentro da esteril e soberba sciencia que os philosophos enviam ao grabato da miseria inconsolavel.

Oh! como este grande e illustre poeta nos tem amado a todos os que vivemos do trabalho!

E um dia o incomparavel nacionalizador de Virgilio e Theocrito, de Ovidio e Molière, lidava como quem docemente repousa na transplantação de Shakespeare. O verter do latim e do grego (3), elle que sabe a lingua de Catullo como se a conversasse com Horacio nos triclinios de Messena, e adivinha os amorios languidos da hellenica, por aquella infusão que no cenaculo se chamou «graça», e cá profanamente denominamos «genio»—elle, o bem-fadado a encher de joias os escaninhos ainda vazios do nosso thesouro litterario, apresta-

(1) Omittimos uma longa symphonia sentimentalista, em que, á força de elevar Castilho até ás nuvens, se desce até aos ultimos limites da falta de pudor; entre outras cousas diz-se que em Castilho se *refletem as imagens que formam o ideal da humanidade* (2.<sup>a</sup> col.).

Não fazemos notas a este artigo, porque já foi analysado (*O Faust*, pag. 476-479).

(2) Este anjo da poesia rendeu-lhe ao segundo abraço uma prebenda de 4:000 cruzados (V. T. Braga, *Estudos da idade media*. Porto, 1870, pag. 276).

(3) Do grego não falla Camillo, porque o Visconde confessa não saber o a. b. c. (Vide a advertencia da traducção do *Fausto*).



va-se a dar-nos as obras primas do grande tragico inglez, quando porventura lhe aventaram (1) que seria mais heroico tentamen traduzir o «Fausto».

Venha o «Fausto»; revolvam-se as massas d'esse chaos intellectual debaixo do luzentissimo interprete; dêem-lhe a decifrar enigmas defezos ás sibillas germanicas; peçam-lhe um prodigio de entendimento e outro prodigio de linguagem; olhem se no espirito do eminente poeta resoam ainda as harmonias omnímodas do metro, a magia só d'elle em multiplicar os rythmos á proporção que lá na intuspecção luminosa se lhe multiplicam os pensamentos.

Eil-o a peito com Goethe, com o mais profundo e abstruso livro do mundo — no dizer de Gerard de Nerval. (2)

Ahi está o «Fausto», ahi teem os portuguezes o poema que esfervilha na cabeça. escandecida de duas gerações — o livro que pregoam immortal os allemães, porque a poesia d'além-Rheno attingiu ahi o maximo grau de sua perfeição, o livro que a França traduziu cinco vezes, e, segundo confessa o ultimo e mais destro traductor, ainda mal entende nos mais mysteriosos relanços.

Mas, no traslado do snr. visconde de Castilho, o «Fausto» entrevê-se inteiro em todos os seus contornos atravez das nevoas do norte. Debaixo do céu peninsular, a neblina rarefez-se. Aqui, os livros mais apocaly-

(1) O snr. Camillo obsequiava-nos, dizendo quem foi o heroe da lembrança; o snr. G. M. talvez? Oh! perfidia!

(2) Estes senhores ainda andam pela mão de G. de Nerval!

pticos, se teem ideias de entender e servir, e mão de talento insigne que lh'as tire á luz, são livros uteis.

.....

Para que é determo-nos em conjecturas sobre a indole do poema? Mephistopheles é o « Mal » que arca, no fôro intimo de cada homem, com a porção divina e indelevel na consciencia do « Bem »! Fausto é uma allegoria? É um desvairado treslido que cahiu dos pinaculos da sciencia á armadilha de uma vulgar paixão? O poeta quiz mostrar-nos que uma formosa Margarida póde, sentada nos cartapacios de Nostradamus, converter toda a nossa sciencia, desde o Espiritismo de Swedenborg até ao Mozarabismo do snr. Theophilo Braga, em chilra amendoada de psicologos estrouvinhados? Eu não sei, nem me embrenho por essas nunca bem parafusadas escuridões (1).

O que eu leio, com assombro, é este « Fausto » do snr. visconde de Castilho, escripto em uma lingua que me dá orgulho de haver nascido onde ella assim se escreve. Vou por estas quatrocentas paginas além, marginando-as de notas, sublinhando phrases, assignalando admirações no terso, na limpidez, nõ terrivel, no suave, no despejo, na candura do verso. (2) Livro muito para recreio, e muitissimo para estudo. É a summa das mais lindas e energicas locuções da nossa rica prosodia, é um exemplar para metrificadores, um enlêvo para reflexivos, e ainda, para todos abranger, é um mavioso incentivo a lagrimas que a mais santa moral converte em pe-

(1) Camillo tem ás vezes o merecimento da ingenuidade.

(2) Não apparecerão essas preciosas annotações?

rolas no coração de quem houver chorado com as saudades de Margarida, e estremeado com os remorsos de Faust). (1)

Olhem-me estas passagens colhidas . . . (2)

Mas, espectáculo dilacerante é o do templo. O orgão geme os threnos dos mortos. A mãe de Margarida jaz no esquife (3), livida, esverdeada da narcotisação que a matou. A filha, de lucto, orando no escuro da nave. E o ANJO MAU a segredar-lhe, etc. . . .

Deve-se e é proveitoso trasladar passagens de um livro que se recommenda, quando o auctor não é este de quem o encarecer-lhe a obra com amostras, seria desairosa inculca ao leitor. Elogiar um livro do visconde de Castilho com o intento de alliciar compradores é verdadeiramente uma cousa triste, e não sei se vilipendiosa para o idolo, para o thuriferario e para o concurso dos poucos que ainda páram no portico do templo.

Os meus louvores ao eminente sabio são reverentes, respeitosos e timidos. O discipulo vai assim agradecer o novo modêlo dos seus estudos, e abraçar este grande glorificador das letras portuguezas.

(1) O snr. Camillo tem ultimamente revelado em alguns necrologios (*Commercio do Porto*) certos ataques de sentimentalismo e de ternura, até hoje n'elle desconhecidos; assim se explica psychologicamente esta passagem.

(2) Seguem alguns extractos de versão do Visconde. Camillo mostrou o seu talento perspicaz, em transcrever a oração á Virgem, que Castilho desfigurou para a pôr ao alcance das nossas meninas sentimentalistas.

(3) Morreu e foi enterrada no Quadro xvii, e nós estamos no Quadro xx! (seguinte a divisão de Castilho) Vide a este respeito a nossa obra *O Faust*, pag. 450-453:

Eis o proposito d'estas linhas.

Todavia, se algum encarecimento posso accrescentar a esta mera noticia, é o que se deve á galhardia e esmero da edição feita pela livraria Moré. Raro livro tem sahido tão aceiadamente dos prelos nacionaes. E, para que nenhum realce lhe fallisse, até na correccão se está vislumbrando o attento desvelo do meu erudito amigo o snr. José Gomes Monteiro (1), cuja admiração pelos dous ingentes poetas, Goethe e Castilho, explica a liberalidade d'esta primorosa edição».

S. Miguel de Seide, 1 de julho de 1872.

*Camillo Castello Branco.*

---

(1) Camillo, que tem já servido o snr. G. M. menos mal e por varias vezes, amarrou-o aqui, com amavel malicia, ás innumeradas inepcias com que o snr. G. M. esmaltou a traducção do Visconde, que já não carecia d'ellas.

# PINHEIRO CHAGAS

---

«Não sei alemão.»

(DIÁRIO ILLUSTRADO, n.º 10, folhetim de 10 de  
Julho de 1872.)



## UMA TRADUCCÃO PORTUGUEZA DO FAUSTO

(DIARIO ILLUSTRADO de 40 de julho de 1872)

Não cabe nos estreitos limites de um folhetim apreciar a grande obra de Goethe, e a sua esplendida traducção pelo sr. visconde de Castilho. O *Fausto* foi sempre a obra predilecta de Goethe, foi o drama gigante em que o seu vasto e complexo talento se resumiu e condensou. Na sua larga vida teve Goethe bem diversas predilecções, maneiras bem differentes, varias crenças artisticas e varios estylos. Apaixonou-se pela idade media, e escreveu o seu *Goetz de Berlichingen*, apaixonou-se pela antiguidade grega e escreveu *Iphigenia*, sentiu as vagas tristezas, os desalentos sem motivo (1) e trajou *Werther*, riu-se elle mesmo d'esse sentimentalismo burlesco e imaginou a *Mania do Sentimento*, (2) mergulhou-se com um grito de jubilo no seio vivaz e candido da natureza idyllica e escreveu *Hermann e Dorothea*, ou *Jery e Betty*, (3) deixou-se fascinar pelas convenções antomaticas e frias

(1) !!!!!

(2) Aliás *Triumpho do sentimentalismo* (Triumph der Empfindsamkeit), o que é um pouco differente. Citação *par oui dire*.

(3) Aliás... *Bätely*; lapso perdoavel.

de uma côrte burgueza da Allemanha e escreveu *Eugenia* e as suas outras peças d'esse genero chorão. Amou com paixão vivissima, deixou-se amar com olympico egoismo, foi crente enthusiastico e sceptico profundo e pantheista emfim. Pois todas essas modificações do seu espirito, todas essas impressões do seu coração, todos esses cambiantes da sua phantasia, se reflectem na obra multipla do *Fausto*. A lenda do doutor começou a occupar-lhe o pensamento, assim que tratou de letras, e a sua penna só deixou de acrescentar um arabesco ao monumento, quando a morte lh'a veio gelar nos dedos. (1)

O *Fausto* com as suas duas partes e o seu esboço da terceira, é incontestavelmente uma obra agigantada. Parece-me que nunca um homem, n'um só livro, revolveu tantas idéas. O sr. visconde de Castilho limitou-se a traduzir a primeira parte, que já é de si bastante folhuda e intrincada. Essa é a que propriamente constitue o drama representavel. A segunda parte perde-se por tal forma nas regiões mysticas, para assim dizermos do pantheismo, que essa poema gigante deixa de caber nos limites estreitos do palco, passa a ter por tablado os intermundios, onde doideja a plebe mythologica da *Noite de Walpurgis classica*, onde se desenham vagamente as muralhas arrendadas do castello feudal de Fausto, a defrontarem com o marmore pentelico do palacio de Helena.

.....

(1) É falso, porque o manuscrito ficou completamente prompto 8 mezes antes da morte de poeta!



Cada poesia, cada litteratura, cada genero vem murmurar a sua nota n'aquella vasta composição. É uma verdadeira symphonia de Beethoven!

.....

No meio de todo este acompanhamento excentrico, no meio de toda esta original algazarra, passa, com as suas alegrias, com as suas fascinações, com as suas tristezas, com os seus crimes, com os seus remorsos, verdadeiro, commovente, shakespearino, o doloroso caso dos amores de Fausto e Margarida. E, como o echo zombeteiro dos seus namorados suspiros, ouve-se-lhe constantemente ao lado o riso de Mephistopheles. Que singular peça! Que singular prodigio de genio! Goethe, com um mundo confuso de personagens, no meio d'esse labyrintho de mascaras tragicas, ou burlescas, que formam para assim dizermos, a moldura emmaranhada e *grimaçante* do quadro, traça como que á pressa, com o lapis descuidoso, as tres physionomias principaes, Fausto, Margarida e Mephistopheles, põe-lhe de cada lado duas outras figuras ainda mais apagadas, d'aqui (!) a da velha Martha, d'alem a do honrado Valentim. (1)

.....

A traducção d'esta obra colossal, apresentada pelo sr. visconde de Castilho, é um verdadeiro prodigio. ... Na riquissima palheta do traductor dos *Amores* de Ovidio, ha tintas, ha combinações delicadas para acudir a todas as infinitas exigencias do autor allemão; debaixo

(1) Chagas esqueceu-se que no poema existe uma figura capital: Wagner! Chagas estava debaixo da impressão do *libreto* da opera de Gounod (onde Wagner não apparece), porque é provavel que nunca lêsse o *Faust* todo.

dos dedos d'este admiravel artista a lingua portugueza, e o metro portuguez curvam-se, ageitam-se a todas as indicações. E a propriedade dos termos, e a variedade incrível do *rhythm*, e a vernaculidade da linguagem, e o modo facil como a traducção caminha, não se fazendo sentir nunca nem de relance, a mais leve peia, tudo isso é verdadeiramente admiravel. . . . Na casa da feiticeira, que propriedade de linguagem, que acertado emprego de tecnologia portugueza de nigromantica! na boca de Margarida que adoravel e meiga singeleza! que magestade triste na scena da igreja! que feliz escolha de metrificacão para a falla do anjo, que segreda os remorsos ao ouvido de Margarida, ajoelhada! finalmente que energia dramatica na scena ultima da peça!

Não sei allemão; não posso portanto dizer o que é a traducção pelo lado da fidelidade. A opinião dos entendedores (1) é comtudo unanimemente favoravel. Que no *Fausto* portuguez se sinta o cunho e a individualidade do traductor, é possivel, é certo, nem eu desejaria que fosse de outro modo. Uma traducção em verso não é pura e simplesmente um *pai-velho*, é tambem uma obra d'arte. São fidelissimas de certo as copias de quadros de Raphael feitas por Julio Romano; os entendedores logo conhecem, porém, se uma copia de um quadro de Raphael é feita pelo seu grande discipulo, ou por outro qualquer pintor, tambem illustre e grande. Signal é este de que, apezar de ser escrupulosamente fiel, não affogou Julio Romano, completamente a sua individualidade na individualidade do seu mestre sublime.

(1) Quaes por ex. : um só, por favor !

No *Fausto* portuguez ha de o futuro ler sempre ao lado da assignatura de Goethe a assignatura de Castilho. Estou convencido, porém, que o grande poeta allemão, se sabia o portuguez, como dizem, (1) gostaria de se reler na obra do seu interprete. Dizia elle a Eckermann, para o fim da vida, que já não lhe aprazia ler o *Fausto* senão na traducção franceza de Gerard de Nerval, porque gostava de ver os seus pensamentos como que esclarecidos (!!) pela viva luz da lingua franceza. Em portuguez teria elle o gosto de os ver formulados na mais rica e melodiosa poesia, que nunca murmuraram labios de homem, porque em lingua nenhuma conheço poeta que melhor saiba do que o visconde de Castilho, todos os segredos da musica da palavra.

PINHEIRO CHAGAS.

---

(1) É inexacto.



## ANTHERO DE QUENTAL

---

**«Sabe o allemão em doses homeopathicas.»**

(O FAUST, pag. 475)



## O FAUSTO DO SNR. VISCONDE DE CASTILHO (1)

(PRIMEIRO DE JANEIRO, n.º 146, de 4 de Julho de 1872)

Temos aberto sobre a mesa este livro, tão annuciado pela fama, e esperado com tão anciosa curiosidade por quantos se interessam pelos progressos da litteratura portugueza. Lemol-o d'um folego e, chegando ao fim, curtas nos pareceram as horas empregadas na leitura: lastimamos que o livro tivesse apenas 400 paginas, mas fizemos voto de o ler segunda e terceira vez. . . . E o snr. Castilho que é mestre sem rival na lingua portugueza, parece-nos ter-se excedido a si mesmo n'esta obra, talvez pela variedade prodigiosa dos quadros do poema de Goethe, que lhe deu azo a mostrar condensados n'um só livro todos os recursos do estilista, que até agora só parcialmente tem revelado em cada obra. As palavras são sempre as proprias que o pensamento pede, os adjectivos frisantes e pitorescos; no grave como no comico, encontra, com arte sabia e consumada, os diseres, a construcção e o metro mais convenientes ao que quer ex-

(1) Não commentamos este artigo, porque já foi analysado. (*O Faust*, pag. 461-463.)

primir. Finalmente, como obra escripta em portuguez *de lei*, o *Fausto* do snr. Castilho é um monumento. . . e por isso passaremos a expôr alguns reparos, que nos suggeriu uma primeira leitura.

Antes de tudo, ha no prologo do traductor uma palavra que não pôde passar sem commento. Diz o snr. Castilho, que «em Portugal corria já de annos a esta parte uma certa adoração panica do nome de Goethe, e o contagioso assombro da tragedia *Fausto*, apenas enxergada mui por longe entre neblinas.» Isto é o mesmo que dizer que em Portugal, antes da traducção do snr. Castilho, ninguem lera o *Fausto* de Goethe (1) ou qual-quer das suas outras obras, e que só por uma vaga e confusa tradição se conhecia o poeta e o poema. Este orgulho e esta injustiça são indesculpaveis no snr. Castilho, que confessa não saber uma palavra de allemão, e ter feito a sua traducção sobre as dos traductores francezes. Ora em Portugal, muitas mil pessoas conhecem a lingua franceza, e muitos centos de pessoas conhecem as litteraturas estrangeiras, melhor até do que o snr. Castilho, que, sendo auctoridade em coisas de litteratura patria, não é por certo dos mais curiosos e versados nas dos outros povos modernos. Alem das 2 traducções completas francesas (2), ha 6 ou 8 inglesas (3) e ha dusias de li-

(1) O Visconde de Castilho fallou absolutamente a verdade; vide o que dissemos (*O Faust*, pag. 461-463).

(2) Sabemos de 8 ao todo: G. de Nerval (1840), Blaze (1840), Alph. de Lespine (1840, em verso), P.<sup>ce</sup> de Polignac (1859), Poupart de Wilde (1859, em verso), uma anonyma (1863 — Avignon), P. Ristelhuber (1861). Apareceu ha pouco uma nova traducção de Laya, em verso.

(3) Ha só 17!



vros de critica sobre as obras de Goethe. A gente moça lê isto e conhece-o muito melhor do que os homens da geração do snr. Castilho, que nada revelou além das riquezas da sua vernaculidade: afora isso, a ninguem deu novidades. A sua *advertencia*, o seu prologo ás Aureas nupcias de Titania e Oberon e, sobretudo, as suas rachiticas notas hão-de parecer deploraveis a quem quer que lesse as introduccões e commentarios de Blaze de Bury ou de Howard. (1)

Traduzir do francez um poema allemão é coisa arriscada. Póde ficar um excellento modelo de linguagem portuguesa, e isso conseguiu plenamente o snr. Castilho: mas o que é muito mais difficil é que fique uma traducção verdadeira, não só dos pensamentos, mas sobretudo do estylo, do tom, das *nuances*, da phisionomia, n'uma palavra, que o poeta deu á sua obra. Lembremo-nos de que o mesmo pensamento, exposto em tres ou quatro estylos differentes, equivale quasi a tres ou

(1) Esta longa sortida, que destôa tão gravemente do tom submisso e modesto, que compete a um *discipulo* perante o seu *mestre* pede uma explicação especial. O snr. Anthero de Quental cita titulos e nomes de obras e de auctores allemães, e até ás vezes uma ou outra sentença isolada de algum d'elles, e crêmos que é essa a base em que assenta o titulo, que se arroga, de *conhecedor das litteraturas estrangeiras*. Os «muitos centos de pessoas» de que falla, e que estão no mesmo caso, são incognitos, cuja sciencia é sciencia de titulos, mal traduzidos e mal escriptos. O snr. Anthero de Quental publicou na *Folha varios fragmentos do Faust* traduzidos com o auxilio de alguma traducção franceza, pois sabemos de boa fonte, que os seus conhecimentos de allemão são quasi nenhuns. Os fragmentos são: *Canção do Rei de Thule* (1871, n.º 1, p. 6 e 7) e *Scena na cathedral* (1871, n.º 3, pag. 18 e 19). A confrontação com o original revelou-nos qualidades e defeitos n'esses fragmentos; ha n'elles pensamentos fielmente reproduzidos dentro de uma bella fórma poetica; outros profundamente alterados. E o resultado

quatro diferentes pensamentos. Uma pagina de Homero, vertida em estylo de annuncio, é tola; em estylo de artigo de fundo, é ridicula; em estylo de discurso academico, é odiosa; só no estylo da poesia popular é que ficará *realmente tradusida*, porque Homero era um poeta primitivo e popular. Logo, traduzir um poema é, sobretudo, tradusir-lhe o estylo, isto é, faser fallar os conceitos do poeta com o *tom* que elle lhes deu na sua lingua patria. Eneas, no Virgilio, diz quasi sempre logares communs: o que faz com que esses logares communs representem para nós o sentimento e a feição da epocha e do mundo que Virgilio canta, é o estylo particular que o poeta põe na bocca do seu heroe. Se se não tradusir esse *quid* original, essa *nuance* do estylo, o que fica? apenas os logares communs. Adeus mundo antigo, adeus idade heroica e politheista! Do pio Eneas resta apenas um declamador semsaborão.

.....  
 Infelizmente, estes reparos applicam-se muito mais do que desejamos, á traducção do *Fausto* de Goethe

da falta de uma percepção immediata. O snr. D. Ennes de Lisboa deu no mesmo jornal (1872, n.º 5, pag. 35) uma traducção do curto monologo de Faust na camera de Margarida; esta tentativa sahiu louvavel. O Visconde havia dado, ainda no mesmo jornal (1871, n.º 11, pag. 82 e 83), o episodio da fonte, em soffrivel rapsodia. Comparados os fragmentos de A. de Quental ou o de Ennes com o estylo e systema da reproducção de Castilho resalta a distancia que separa um cerebro caduco e rachitico das intelligencias novas, embora pouco cultas ainda para tarefa tão gigantesca, como é a traducção do *Faust*. Lembrem-se, meus senhores, que Taylor estudou o poema durante 20 annos para dar a sua admiravel traducção! Não a fez decerto por *intuição*, nem gastou quasi *doze magros mezes*, como o mestre Visconde.

pelo snr. Castilho. Não fallamos já dos pensamentos e imagens que o snr. Castilho introduz de sua casa, e o *Adão de Barros* e *Eva da Costa*, na noite de Walpurg, e a Martha Espadinha, e os bebedores da taberna de Leipzig crismados com nomes de fadistas do Bairro alto, o Rans, o Quinteirão, etc. Tudo isso, que é muito, é para nós o menos. O mais é a continua **disparidade** do estylo entre o poema de Goethe e a traducção. A preocupação dominante do snr. Castilho, o *classico*, o *vernaculo*, junta á sua ignorancia do allemão, deram este deploravel resultado: fallarem Mephistofeles e Fausto n'um tal estylo, que o proprio Goethe não os reconheceria. (1) Em duas palavras: o *romantico* Fausto, o sonhador fluctuante, ora aborrido ora exaltado, sublime e original ainda quando é **vulgar**, exprime-se, na traducção, em phrases compassadas, sempre no mesmo tom, pesadas e *classicas* como qualquer dos nossos bons frades do seculo 16.º: Mephistofeles, diabolicamente perfido, enco-brindo a profundidade do espirito do mal sob a vulgaridade **affectada** do dizer, o sarcastico e friamente cruel Mephistofeles (tal como o concebeu Goethe e como o faz fallar no poema allemão) exprime-se, na traducção, n'uma lingoagem pesadamente plebeia, n'um estylo grosseiramente opaco, que só mostra o que ha de cynico e não o que ha de profundo no seu satanico pensamento; falla como qualquer taberneiro portuguez. Fausto, como *classico*, e Mephistofeles, como *taberneiro*, são admiraveis de *portuguêsismo*: quem o póde ne-

(1) Diz Chagas atraz, pag. 17, « que Goethe gostaria de se reler na obra do seu interprete ».

gar? mas é esse o grande defeito, porque o *Fausto* de Goethe é *romantico* e o Mephistofeles *diabolico*, e só assim é que são o Fausto e o Mephistofeles de Goethe. Os do snr. Castilho são os antipodas d'aquelles, porque fallam como nunca Goethe os fez fallar, nem (segundo os concebeu) podia nunca fazer fallar. Os do snr. Castilho são muito portuguezes, assombrosamente vernaculos, prodigiosamente lusitanos. É por isso que não são de Goethe: são do snr. Castilho e dos lusitanos que o admiram, que somos nós todos. Mas nem por isso é aquillo uma traducção. Lá isso não. Será o que quizerem (e nós somos os primeiros a curvarmo-nos ao mestre): mas não é o *Fausto*, tragedia romantica do poeta allemão Goethe. Em tudo o mais estamos de accordo, e admiramos candidamente, sem restricções. Só n'este ponto não.

Francamente: se o snr. Castilho tivesse posto na capa do seu livro este rotulo: Fausto, poema portuguez original do visconde de Castilho — agradava-nos infinitamente mais, porque então já não teriamos de mitigar o entusiasmo da nossa admiração pelo vernaculo com estes reparos, que a logica nos obriga a fazer, mas que magoam o nosso coração de sinceros discipulos que somos do snr. Castilho — em dictionario e grammatica.

(Sem nome, mas sabe-se ser de *Anthero de Quental*).

II

**JUIZOS SOBRE A DEFEZA**

DE

**JOSÉ GOMES MONTEIRO**



## LIVROS E IMPRESSOS

(DIÁRIO ILLUSTRADO, n.º 277, de 20 de Abril de 1873)

Publicou-se no Porto um livro interessantissimo intitulado *Os Criticos do Fausto do sr. visconde de Castilho*. O sr. José Gomes Monteiro, que estava ha muito tempo retirado das lides litterarias, mas que é incontestavelmente um dos nossos homens de mais séria e mais solida erudição; veio a campo e esmagou completamente as asserções dos srs. Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos, que tinham impugnado a fidelidade da traducção do sr. visconde de Castilho.

O sr. José Gomes Monteiro, auctor de uns *Echos da lyra teutonica*, sabe a fundo a lingua allemã e tem além d'isso um estylo facil, ameno, e uma ironia fina que tornam o seu livro de muito agradavel leitura, e que só fazem com que lamentemos que por tanto tempo se tenha conservado longe da arena litteraria.

Agradecemos o exemplar dos *Criticos do Fausto*, que nos foi remettido.

(Anonymo, *amigo*).

---





## BIBLIOGRAPHIA

Os criticos do «Fausto» do snr. visconde de Castilho  
por José Gomes Monteiro  
Porto, Bibliotheca Moré — Editora

(PRIMEIRO DE JANEIRO, n.º 93, de 22 de Abril de 1873)

Concorrem no snr. José Gomes Monteiro todos os predicados essenciaes á critica prestante.

Vasta leitura, conhecimento dos idiomas em que hoje em dia lustram superiormente as letras amenas, claro discernimento, ou bom gosto como á moderna se diz, juizo desapaixonado, comparação reflexiva, serenidade de animo, e, finalmente, aquella espontaneidade que desata o escriptor de considerações obsequiosas e louvores que fundam na reciprocidade do elogio entre os pequenos productores d'este pequenissimo mercado.

O snr. Gomes Monteiro deu ao snr. visconde de Castilho o voluntario testemunho da elevada estimação em que lhe conceitua a nacionalisação do *Fausto*. Este livro de que vamos dando ligeira noticia é o resultado d'um grande lavor de confronto e interpretação entre as variadas versões da tragedia de Goethe, conferidas com o original. São dusesentas (1) paginas escriptas em horas

(1) Aliás 190; o snr. G. de Meirelles dá-lhe 120! Leriam estes senhores sequer ao menos o livro do collega?

mais feridas, e todavia meditadas, de espaço, para serem hoje lidas, já quando jazem no esquecimento os escriptos que as provocaram. Disemos «no esquecimento» receiosos de que nos contraponham que só pôde ser esquecido o que alguma vez viveu na lembrança da gente. E o certo é haver pessoas das mais curiosas n'isto de lettras que não leram os escriptores a que allude o auctor dos *Eccos da Lyra teutonica*, e nomeadamente o que mais papel desbaratou com desaire da arte de escrever (1).

.....

N'este livro, que por 1\$200 reis se vende nas lojas do costume, esteve o snr. Gomes Monteiro provando milagres de paciencia e coragem singular. Competidor em tamanho esforço não o terá n'este paiz, onde a critica litteraria se descursa, e de mais a mais se despresa, se o atrevimento da satyra é selvagem, e a linguagem lerda, e a insolencia despejada (2).

Quem lêr o livro do snr. Gomes Monteiro mal pôde ajuisar os tedios que deviam dar-lhe as paginas vasconças que decifrou com lealdade e animo desprevenido que requer a probidade da crytica. Se, alguma vez, o fastio ressumbra em phrase aspera, ainda ahí é exemplar o commedimento, e, por isso mesmo, o juizo mais respeitavel. A serenidade do auctor dos *Criticos do Fausto* inculca-nos a poderosa faculdade da rasão dominando os impe-

(1) O snr. Camillo falla verdade, pois venderam-se da nossa obra só cerca de 100 exemplares, afóra uns 30 vendidos na França e Allemanha, e mais alguns (milagre?) para o Brasil.

(2) Remorsos (?) do snr. Camillo, que está em via do *mea culpa*.

tos da crytica, a madureza do animo que indulta á ignorancia os seus desvios, mostrando-lhe de passagem quanto é bom e decente serem instruidos e bem creados, principalmente bem creados, os moços que fogem da escola e vem á praça dar vaias aos que vão passando gloriosos, fatigados, adorados de poucos, esquecidos de quem lhes cabia ser lembrados, e heroicos em sua pobreza (1).

.....

As deformidades do estylo dos dois cryticos do snr. visconde de Castilho figuraram-se ao snr. Gomes Monteiro os somenos defeitos. Cumpria-lhe cauterisar pustulas de peor character; por que elles, os dois mestiços do idioma lusitano, fundavam o seu maior merecimento em unhar as passagens da versão do snr. visconde, apodando-o pela audacia de tradusir de lingua que não conhece. Vem o snr. Gomes Monteiro, e demonstra que o snr. Adolpho Coelho escorregou na ladeira do seu orgulho por onde ia galgando encostado ás muletas de Henri Blaze, o peor de quantos traductores trasladaram para francez o *Fausto*. Uma verdadeira desgraça! O snr. Coelho increpa de ignorancia da lingua allemã o snr. visconde de Castilho; e, a fim de nos convencer que o snr. visconde não nos deu a idea de Goethe dá-nos elle um traslado enxacôco de Henri Blaze! Oh! que bem ajoujados na canga germanica o genio das bagatelas nos deparou estes dois zoilos com strabismo de entendimento!

A lição é branda, e por igual severa. Quem lancéta e sangra prestadiamente os lobinhos da vaidade, tem de possuir a sciencia das linguas, e o aturado estudo das

(1) *Sicut transit...*

litteraturas de cada uma. O snr. Gomes Monteiro era homem feito e já versado em letras quando passou á Allemanha por onde estanceou alguns annos. Os bons livros de Goethe e Schiller e Chamiço, (1) seus melhores companheiros de emigração, meditou-os, (2) e saboreou-os, quando o *Fausto* vagamente era conhecido no restante da Europa, conforme o juizo de Mad. de Staël.

Dos portuguezes eruditos, que nasceram antes de 1820, creio que nenhum lidasse tanto com escriptores do norte como o snr. José Gomes Monteiro, a quem devemos o traslado nacional das poesias mais selectas de alem-Rheno (3).

.....

Tão minudencioso e opportuno livro de ensino como este do snr. Gomes Monteiro não tivemos ainda algum. Critica de portuguezes, por via de regra, é nardo ou açafetida (4) destampada lisonja ou mordente maledicencia.

.....

O snr. Gomes Monteiro desceu até ao raso d'este gen-

(1) Chamiço (sic) não é de origem portugueza; escreve-se *Chamisso* (Adalbert von); era de origem franceza, mas havia-se refugiado com a sua familia, aos 5 annos, para a Allemanha, por causa da Revolução de 1789.

(2) O peor é que o snr. G. M. diz (*Os criticos*, pag. 84) que o seu conhecimento da lingua allemã era então (1832-1835, annos depois da publicação do *Segundo Faust*; segundo J. da Silva, G. M. voltou depois de 1835) mui pouca cousa. Entendam-se lá.

(3) Que o snr. Camillo ridicularisou em 1859, antes do snr. G. M. lhe comprar os seus romances e edital-os. *Uma mão lava, etc.*

(4) Germano de Meirelles, achou na sua botica outro ingrediente mais forte, o *nitrato de prata*, como veremos.

tio; mas com tanta nobresa de alma e primor de talento que sahi inconspicuo.

.....

A correcção dada por Gomes Monteiro deve assanhar a furia dos que ladraram ao maior poeta do nosso tempo, ao mais diligente propulsor da instrucção, ao mestre e guia de todos os que lhe pedem affoitesa (1) para affrontar a publica indifferença, mais funesta que a satyra descaroavel. E, por sobre tantos realces, aquelle brilhante diadema das cans não correu de pejo o insulto espectorado por dois môços, em verdura de annos, de sciencia, de tudo, menos na arrogancia, que então ahi a podridão é a mais não ser. «Que se contém, pois, no terrivel tomo d'este famoso critico?— Pergunta e responde o snr. Gomes Monteiro:— Muitas banalidades impertinentes, vasta ignorancia, erros crassissimos, plagiatos, necedades, muita risivel jactancia, e tudo isto adubado de chufas grosseiras, insolentes, e por vezes ignobeis (2). O homem que gastara uma longa vida a illustrar (3) o seu paiz, é na opinião d'este filho adoptivo da Allemanha, *ignorante, verme, triste formiga, modelo rachimico, só diz disparates, despauterios e stulticias; não escreve senão miserias, faz citações falsas, não aprendeu a tradusir o francez, e não sabe a sua lingua!*

«E em cada pagina se repetem (4) allusões seme-

(1) E' o pôço da sapiencia n'uma palavra.

(2) Já provamos até que ponto vae a boa fé e a verdade do snr. G. M., e o credito que merecem estas insinuações.

(3) A' feição de Cham.

(4) O snr. Camillo falta á verdade, porque essa passagem só se encontra n'uma pagina.

lhantes a esta: Tentamos o seguinte parallelo para mostrar a quem não vê o que é ter vista.»

«Isto, accrescenta o snr. G. Monteiro: «É baixo, é vil, é ignobil!»

«Que doridas e nobres reflexões escreve a paginas 58 o auctor dos «Criticos do Fausto» com referencia á villania do insultador da cegueira (1) de Castilho! Aquella escuridão exterior que nos internece a lagrimas, e nos dobra o joelho respeitoso deante da brilhante alma que lá se está abrindo em torrentes de luz, foi, no discorrer de setenta e tres annos, duas vezes improporada como um delicto: uma vez por Theophilo Braga (2), outra por Joaquim de Vasconcellos; e por mais ninguem; digamol-o em desafronta d'este paiz e da humanidade» (3).

.....  
 ...dormi, venerados mestres, enquanto nós os fracos, mas convictos seguidores de vossa honesta ignorancia, nos reunimos á volta de Castilho, e nos damos alegres emboras quando comnosco se associa José Gomes Monteiro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(1) Já provámos no fim da nossa resposta ao snr. G. M., (*O consumado germanista*) que esta insinuação é falsa, e que o nosso adversario faltou á verdade.

(2) T. Braga (*Estudos da idade media*, Porto, 1870) disse pelo contrario, que havia sido uma funesta desgraça, e serviu-se apenas do caso para uma demonstração psychologica das capacidades litterarias de Castilho. O snr. Camillo falta, pois, ainda á verdade.

(3) Se o snr. Camillo se refere a Portugal, tem razão, mas a *humanidade* difficilmente terá tido noticia do visconde.

## **GERMANO DE MEIRELLES**

---

**Ignora o allemão, facto publico.**





# OS CRITICOS DO FAUSTO DO SNR. VISCONDE DE CASTILHO

(PROGRESSO COMMERCIAL, n.º 90, de 22 de Abril de 1873)

Tendo de agradecer a delicada offerta d'este livro, sobra-nos apertada obrigação de aventurar algumas reflexões ácerca dos seus merecimentos, que reputamos não vulgares.

A primeira coisa que se antolha e destaca em alto relevo é possuir as virtudes de uma boa acção, (1) o que não succede a muitos dos que ahí suppuram os nossos prelos.

O livro do snr. Gomes Monteiro, á falta dos excellentes dotes litterarios que tem, e de bom quilate, estre-mar-se-ia como uma solemne, espontanea e generosa re-vindicação de uma gloria honrada e legitimamente adquirida.

Já o leitor sabe que vimos alludindo ao fragal des-acceiado, que ahí se encabeçou em critica do Fausto portuguez sob immediata responsabilidade dos snrs. A. Coelho e Joaquim de Vasconcellos.

Estes dois cavalheiros andantes do *abc*, pessoas das furias de petroleo, reprehenderam em feio dia a rege-

(1) Defender os interesses da casa Moré; nada mais justo.

neração das lettras patrias pelas vias mysteriosas da de-  
cencia grosseira, e deitaram-se no periodo agudo da mo-  
lestia, ao vulto respeitado e respeitavel do snr. visconde  
de Castilho, balçando-lhe nas cans venerandas todo o ve-  
neno dos seus muitos e systematicos rancores.

O feito indignou bastante gente até que houve um  
homem de temperamento mais frio ou mais habituado  
a estes espectaculos que ousou encaral-os, e trazel-os ao  
pelourinho, onde estão perneando e tregeitando com es-  
gares repulsivos que gelam a contricção no fundo da  
alma.

Esse homem corajoso, executor de suprema justiça  
moral, é o snr. J. Gomes Monteiro e o pelourinho onde  
escabujam os dois energumenos é o livro dos *Criticos do  
Fausto*.

Sob este ponto de vista o livro, além de altamente  
meritorio, é cabal, satisfaz os mais escrupulosos esgra-  
vadores de miserias, bernardices e charlatanismos.

.....  
O illustre e honrado critico foi implacavel a poder de  
indignação.

Depois da gente lêr aquellas eloquentes 120 pagi-  
nas (1) resta vontade de ir abraçal-o ou sequer deixar-  
lhe um bilhete de visita.

Aquellas pinceladas de nitrato (2) em tanta gangre-  
na applicadas com mão vigorosa e despreoccupada, afei-  
ta a ser tida na conta da mais inflexivel imparcialidade (3)

(1) São 190; nem abriram o livro!

(2) Como este corrosivo veio á memoria do snr. G. de M.  
explica-se por certos padecimentos, que aliás se veem marca-  
dos na propria figura do critico.

(3) Oh!...

que os seus annos, modestia e longo retrahimento das lidas da imprensa lhe afiançam, servem de justificação aos juizos d'outros, que uma menor idade, e os presumidos fogachos e arrebatamentos inherentes á mocidade, e bem assim a qualidade de officiaes militantes do mesmo officio, isto é, para desmanchar o equivoco, d'homens que professam e tratam letras quotidianamente, podessem inculcar de suspeitas.

O publico d'ora ávante já sabe quanto tem a esperar d'esta bohemia descórada e audaciosa, que intenta aferroar e pôr-se em evidencia para cima dos destroços dos homens illustres que a affrontam pela não enxergar, e que ella teima em affrontar para ser enxergada.

.....

Quanto é parte affirmativa, aquella que visa ao enca-recimento dos primóres e excellencias da versão, apraz-nos crer que as asserções do illustre auctor dos *Criticos* obedeceram um tudo nada (1) á muita e affectuosa amizade, como aos impulsos irresistiveis da natural reacção que o acinte, a protervia e a detracção systematica do zoilismo accordaram no seu espirito.

O visconde de Castilho não precisava d'estas liberalidades — perdão! — d'estes affectos generosos para realçar entre os primeiros escriptores do seculo em Portugal.

Ninguem o ganha em primores e feitiços de linguagem, ninguem dedilha tão fina e artisticamente o seu

(1) Que doses homeopathicas!

largo teclado, arrancando-lhe notas tão musicas e limpidas (1).

O visconde de Castilho escreveu um drama, o *Camões* (2), que é um esmero d'arte, e um diamante da mais bella agua em litteratura.

Tem dispersas e reunidas por diversos livros, poesias que sobrevivem e constituem uma das mais formosas glorias da poesia moderna entre nós.

Tambem lhe conhecemos versões de latim e de grego (3) que pleiteam primasias com os originaes, embora a admiração ou o bom gosto os conheça ahí com o nome de Virgilio, Ovidio ou Anacreonte.

E apesar de tudo isto, e tambem por tudo isto, não faria estranheza confessar-se que o *Fausto* portuguez é muito outro que o *Fausto* de Goethe, que o espirito moderno que tão caudal e triunphantemente denuncia e accentua, não consegue desaffogar-se e irromper em toda a sua pujança, virillidade e profundeza através das roupagens classicas, magestosas sim, burguezas tambem, e vulgarissimas ainda, da traducção portugueza.

Poderamos adduzir em abono da asserção certos trechos do traslado, aproximar o Fausto e Mephistopheles e a gentilissima Margarida da transplantação confrontando-os com os mesmos personagens do terreno proprio, como os fez emergir e desvelou o genio de Goethe, mas as ensanchas d'uma local não dão para tanto.

(1) D'uma *espineta* ou *cravo* do seculo xvii.

(2) Que está demonstrado ser um plagiato do drama de V. Perrot e Armand du Mesnil!

(3) Que elle confessa não saber (*Fausto*, advert. pag. xiv).

Finalmente, crêmos que o temperamento, indole e educação litteraria do visconde de Castilho não affinam bem com o espirito revoltado, methaphisico, profundamente imaginoso, e scientificamente materialista do seculo, harmonisando-se ineffavelmente com o chamado espirito classico, mais concreto do que analitico, mais externo do que interno. (Alta critica!)

Posto isto, crêmos que o visconde de Castilho não *derroga*, não desce da plana de summo escriptor, por entrar n'uma cathegoria ou classificação d'espiritos, que respondem não só á curiosidade erudita, como a notorias e das mais preciosas cordas da alma humana, a tantos respeitos.

(Sem nome, mas é certo ser de *Germano de Meirelles*.)

P. S. — A este artigo seguiram-se no dia immediato umas erratas mais extraordinarias ainda, que vão em seguida por completo. São impagaveis:

**Erratas.** — Sahiu deturpadissima a noticia ácerca dos *Criticos*, a ponto de merecer segunda edição, se valesse tanto a coisa.

Como não vale, apontamos d'aqui alguns erros mais frizantes, deixando á benevola perspicacia dos leitores o supprir as outras emendas.

\*

Assim, onde se lê:

Estes dois cavalheiros andantes do *a b c* pessoas das furias de petroleo, emprehenderam em feio dia a regeneração das letras patrias pelas vias mysteriosas da decencia grosseira, e deitaram-se no periodo agudo da molestia, ao vulto respeitado e respeitavel do snr. visconde de Castilho, balçando-lhe nas cans venerandas todo o veneno dos seus muitos e systematicos rancores.

Leia-se: Estes dois cavalheiros andantes do *a b c*, possessos das furias do petroleo, emprehenderam em feio dia a regeneração das letras patrias pelas vias mysteriosas da demencia grosseira, e deitaram-se, no periodo agudo da molestia, ao vulto respeitado e respeitavel do snr. visconde de Castilho, balçando-lhe nas cans venerandas todo o veneno dos seus muitos e systematicos rancores.

E mais abaixo: *bisbelheticritica* — bisbolhetice critica — *totonagem*, *tatouage* — *resta*, sente — *para cima*, por cima — *Quanto é parte affirmativa* — Quanto á parte affirmativa etc.

Aproximar o Fausto e Mephistopheles e a gentilissima Margarida da transplantação, confrontando-os com os mesmos personagens do terreno proprio... leia-se: Aproximar o Fausto, Mephistopheles e a gentilissima Margarida da transplantação aos mesmos personagens do terreno proprio...

Os outros, que não são poucos, qualquer boa vontade dos leitores os remediará sem esforço — repitamol-o mais uma vez.

(*Progresso Commercial*, n.º 91, 23 de Abril de 1873.)

**DR. MELICIO**

---

**Ignora o allemão, facto publico.**





Como era de esperar, causou profunda impressão nos centros litterarios da capital o interessante livro do snr. José Gomes Monteiro, que se intitula «Os criticos do Fausto do snr. visconde de Castilho».

Dizem pessoas entendidas no assumpto que difficilmente se poderia apresentar uma refutação tão completa como a do snr. Monteiro e que em muitos pontos ella é irreplicavel.

O que me pareceu da leitura do livro foi que tem pulso robusto o defensor do nosso primeiro poeta e que possui dotes e recursos, que alguns dos escriptores portuguezes que mais teem andado na voga, nunca revelaram.

A phrase do snr. Monteiro é clara e insinuante. Por vezes vehemente, porque assim o estava pedindo a violencia do ataque; o distincto escriptor é em regra delicado e urbano, o que dá ainda mais força á sua argumentação, principalmente para o leitor despreoccupado e alheio á controversia pessoal entre o snr. visconde de

(1) Este notavel trecho é da penna do distincto deputado, e creditado escriptor o snr. Dr. Melicio, residente em Lisboa.  
(Nota do collector).

Castilho e os criticos da sua traducção do «Fausto», de Goethe.

Aprende-se no livro do snr. Monteiro, que é, sem favor um erudito e um escriptor consciencioso; e em quanto ao monumento do immortal poeta germanico, creio firmemente que elle tem tido poucos commentadores mais competentes do que aquelle cavalheiro, que mostra possuir conhecimento profundo (1) da lingua alemã e ter consultado **todas as obras publicadas até** hoje ácerca do admiravel poema.

---

(1) Vide as proprias confissões de G. M. a este respeito, adiante, a pag. 67, nota 1.

## ANONYMO DA CORRESPONDENCIA DE PORTUGAL

---

...«que quem mesmo, como eu, não sabe allemão, nem conhece os commentadores do Faust».

(CORRESPONDENCIA DE PORTUGAL, de 12 de Maio de 1873).



Esta noticia anonyma é talvez da propria lavra do snr. Gomes Monteiro, como se vê pelas passagens a pag. 43 e 44 de *Os criticos*, e que aqui se repetem em gripho.

Os *Criticos do Fausto* são, como o titulo o demonstra, a critica das criticas do *Fausto* do snr. visconde de Castilho, feitas em tempo pelos snrs. Coelho e Vasconcellos. Comquanto não tenha noticia d'estas duas criticas, com que foi menos respeitosa saudada a primorosa traducção de Goethe, basta-me acceitar, como fielmente trasladadas, as censuras que o snr. Monteiro attribue aos dois escriptores, para considerar a critica das criticas como a mais erudita e eloquente apologia, que tem escripto a mão do homem.

Fazendo sempre justiça e não graça, reconhecendo defeitos, como não podia deixar de os ter feitura humana, na traducção do snr. Castilho, acceitando mesmo dos criticos alguns dos seus reparos, com todas estas cortezias e homenagens á verdade, a que nunca falta o consciencioso escriptor, tomou o snr. Monteiro uma a uma as principaes censuras vibradas contra a obra, e com tanta energia como erudição e graça as faz rechetar contra as duas criticas, que mesmo a quem, como eu, não sabe allemão nem conhece de perto os commen-

tadores do *Faust*, (1) não resta a menor duvida que os dois jovens escriptores foram em suas composições trahidos pela infelicidade.

Onde os criticos notam (e é a principal cathegoria das censuras) a infidelidade da traducção de uma palavra, mostra o snr. Monteiro, profundamente versado na lingua e na litteratura allemã, que aquella é a verdadeira significação do vocabulo; onde a censura é dirigida contra uma phrase accusada de profanação por ter alterado a fórma original do pensamento, mostra o snr. Monteiro, traduzindo a phrase allemão, e invocando o testemunho dos mais authorisados commentadores e traductores, que aquelle é o perfil litterario do original, e ás vezes mais *correcto ainda do que o do original*. Onde o reparo é contra o plebeismo ou soltura do estylo, mostra o snr. Monteiro como no livro de Goethe, que *percorre a extensa gamma de todos os estylos*, se encontra n'aquellas paragens a mesma soltura e os mesmos plebeismos. E onde, finalmente, o snr. Vasconcellos offerece, em substituição de alguns trechos do snr. Castilho, uma traducção da sua propria lavra, limita-se o snr. Monteiro, exercendo n'este ponto a mais cruel de todas as vinganças, a aproximar as duas traducções.

Dando de barato que na traducção do snr. Castilho haja uma ou outra infidelidade grammatical, o que não prejudica esteticamente a composição, o que se me affi-

(1) Estes senhores jornalistas e criticos são todos de uma franqueza impagavel! Camillo confessa, como vimos, que não *sabe uma palavra de allemão*; o proprio Castilho *o ignora*, e acha essa questão ociosa e superflua; P. Chagas diz que *tambem não sabe allemão*, este agora, *nem sabe allemão, nem leu os commentadores*; mas senhores, é isto a serio ou caçoada?

---

gura, salvo menos incompetente juizo, é que residindo o grande merito de Goethe na parte *conceptualista* (1) da sua admiravel producção, e catando o poeta portuguez o maximo respeito a todos os lineamentos d'aquella inspirada urdidura, a obra, em vez de desmaiar, *animou-se ainda mais na traducção*, pois que acima de Castilho, na pureza, na graça e na suavidade da fórma, não ha de certo *nenhum poeta n'este mundo*.

Um livro de critica, como o do snr. Monteiro, onde a justiça, purificada pelo gosto, amenizada pela graça, e illustrada por vastissima erudição, preside severamente ao julgamento de uma obra, é caso de parabens ás letras patrias.

(Anonymo, *amigo*).

---

(1) Mas se o auctor d'esta noticia ignora os commentadores, como entende a concepção da tragedia?





## OS CRITICOS DO FAUSTO

(DIARIO ILLUSTRADO, n.º 297, de 14 de Maio de 1873)

É este incontestavelmente um dos livros mais notáveis que ultimamente se tem publicado em Portugal sólida e séria erudição, estylo sobrio, e elegantissimo animado por uma ironia mordente, rara habilidade na polemica, dotes altissimos de perspicacia e bom senso, tudo concorre para que este livro seja verdadeiramente um modelo de boa critica. Eu que ha muito tempo apreciava a elevadissima intelligencia de José Gomes Monteiro, não estranhei esta brilhante manifestação d'esse vigoroso talento; para muitos porém, que nem conheciam de perto o erudito escriptor, nem tinham lido a admiravel *Carta a Thomaz Norton sobre a situação das Ilhas* (1) *dos Amores*, fôlheto que, parecendo destinado a discutir um ponto frívolo, encerra thesouros de critica scientifica (2), tiveram no livro ultimamente publicado uma verdadeira revelação.

Conheci José Gomes Monteiro no Porto ha sete ou oito annos. Desde logo lhe consagrei o mais profundo

(1) É uma só a *Ilha*, snr. Chagas; não tem o seu Camões em casa?

(2) Veja-se a que valor A. Coelho (*Sciencia e probidade*, pag. 22-26), reduziu esses *thesouros de critica scientifica*.

respeito e a mais sincera amizade. Este duplo sentimento era-me inspirado (1) pela sua solida erudição posta ao serviço de um talento esplendido, e pela nobreza e affabilidade de seu character. Já então forcejei por arrancal-o ao seu modesto retiro, pedindo-lhe que não privasse a litteratura portugueza, tão pobre n'esse genero, dos magnificos trabalhos de critica que elle encetára, planeiára, ou podia executar. Nunca pude vencer a sua obstinada modestia.

Voltando para Lisboa, sustentei por muito tempo com José Gomes Monteiro uma animada correspondencia. Revelou-se-me então o seu talento debaixo de um novo aspecto. Não-conheço talvez em Portugal mais encantador correspondente, não ousou dizer epistolographo, porque acho a palavra hellenica pomposa de mais para exprimir a graciosa singeleza do estylo das cartas de José Gomes Monteiro a finura dos conceitos, a facilidade da conversação. *Ça coule de source*, diria um francez. As suas cartas nunca são frivolas nem pedantes. Se visse no seculo XVIII em França, José Gomes Monteiro levaria a palma a Grimm e a todos esses correspondentes parisienses dos principes do Norte; que lhes contavam em cartas deliciosas o movimento das ideias e a successão dos acontecimentos do grande centro da civilização europea.

Se um sentimento exagerado de modestia conservou por muito tempo José Gomes Monteiro arredado das li-

(1) O snr. Pinheiro Chagas calla decerto para não offender a modestia do snr. G. M. outros favores, como a compra de varias edições do eminente critico do *Elogio mutuo*. São favores de escrevaninha que não se devem devassar.

des litterarias, foi um sentimento nobilissimo de generosa affeição (1) que o lançou de subito em plena luta.

Vendo insultado por dois escriptores da geração moderna o venerando visconde de Castilho, que enriquecera a litteratura portugueza com a esplendida traducção do *Fausto*, José Gomes Monteiro sahio do repouso epicuriano em que se deleitava, pegou na penna, e escreveu esse admiravel livro, em que transpareceram todas as graças, todas as elegancias do estylo epistolar, armadas d'esta vez em pé de guerra, ao lado da argumentação mais solida, e de uma substanciosa erudição.

É talvez esta a primeira vez que os empavonados escriptores do modernissimo cenaculo, encontram quem os fulmine como devem ser fulminados. É moda entre elles apregoarem que Portugal se conserva completamente estranho á evolução scientifica do espirito europeu, que os escriptores portuguezes estão amarrados aos preconceitos estereis de uma critica estreita e acanhada, que se desprezam entre nós os estudos sérios, que não ha entre nós nem consciencia, nem probidade litteraria. Veiu José Gomes Monteiro com o latego da sua critica implacavel, e disse-lhes: É verdade, ha em toda a Europa um movimento scientifico, a que Portugal se conservá estranho, mas sois vós os primeiros que o desconheceis, a critica estreita e acanhada e ainda por cima falsa sois vós que a fazeis, quem não tem seriedade no seu estudo sois vós, sois vós ainda que não tendes nem

(1) Além de um 1:200\$000 réis, que tanto lhe custou a edição; demais já provámos que metade da responsabilidade das estulticias do Visconde sahiram da inspiração do seu Espirito Santo de orelha, o snr. G. M. Vide *O Consummado germanista*, etc. Porto, 1873, cap. III, pag. 31 e seg.

probidade litteraria nem consciencia. E dizendo isto, es-corraçou do templo os falsos apóstolos, e os ignorantes prêgadores.

Eu não imagino em que estado ficam os criticos do *Fausto*, depois da analyse e da vigorosa flagellação que o snr. Gomes Monteiro lhes infligiu. Porque é de notar que o que acima de tudo os perde é a violencia da sua linguagem, os seus sarcasmos desdenhosos, os seus virulentissimos apodos contra a ignorancia do snr. visconde de Castilho. Quem empunha com tanta arrogancia a férula, como fica logo que se provar que nas suas bentas e scientificas mãos é que devem ser applicadas as palmatoadas que distribuiam tão pedantescamente? Ficam de certo n'uma situação deploravel.

Foi um dos criticos que accusou virulentamente o snr. visconde de Castilho de não ter traduzido o *Fausto* directamente do allemão. Para lhe mostrar os erros a que tão deploravel systema o conduziu, traduz da lingua original um trecho do poema de Goethe, e põe a sua traducção ao lado do texto germanico. Vem o snr. José Gomes Monteiro, e prova de um modo irresponsivel que o critico seguiu passo a passo a traducção franceza de Blaze de Bury, que a acompanhou nos seus erros, e que nem sequer os corrigiu com a interpretação de Gerardo de Nerval, aliás considerado como o melhor traductor francez do poema de Goethe pelos proprios criticos.

Outro verbera com a maxima violencia o snr. visconde de Castilho, porque o nosso grande poeta não se mostra profundo admirador da segunda parte do *Fausto*, e, verberando-o, escreve este curioso periodo.

«Castilho está ainda no caso de Wagner na scena citada; agarrado ao folle, não vê dentro da retorta se não o homunculo; quando ella quebra e dá á luz o Euphorion, já está fóra da região intellectual (1) do *magister* Wagner, e ainda assim está este para Castilho, como o boi para a rã».

Todos os que leram a 2.<sup>a</sup> parte do *Fausto*, ainda que não tenham por esse magnifico poema a veneração superstitiosa que os dois criticos manifestam, sabem que Euphorion é filho de Fausto e Helena (2). Todos o sabem menos os criticos sérios, que admiram o Fausto . . . e que o não lêem. Gomes Monteiro ainda d'esta vez foi implacavel, e, citando o trecho que transcrevemos, acrescentou-lhe a seguinte reflexão.

«Wagner, o pedante presumpçoso, nunca imaginou que havia de nascer entre nós um Wagnersito muito mais pedante, que fizesse nascer Euphorion dos cacos da sua retorta! Uma pennada do nosso Wagner defraudou Byron, o genio da poesia moderna, symbolisado em Euphorion, da magnifica apotheose que lhe consagrara Goethe, fazendo-o nascer do seio da formosa Helena».

E os homens, que tanto fallam em consciencia e em probidade litteraria, em que situação ficam depois de te-

(1) Não se tracta aqui do Euphorion, com relação a Castilho, mas sim do *homunculo*, quando está ainda nas mãos do artista Wagner. Querem que lhe ensinemos o *a b c*?

(2) O snr. Pinheiro Chagas é muito ingenuo; na sua critica ao *Fausto* de Castilho achou as «duas partes da tragedia e o esboço da terceira (vide atraz pag. 14) uma obra incontestavelmente agigantada». Como concordará a classificação de *aborto*, dada por Castilho á *segunda parte*, com as ideias d'este insigne critico? Agradecemos ao snr. G. M. e P. Chagas o favor de nos ensinarem quem é Euphorion, porque não o sabemos.

rem desdenhosamente indicado ao snr. visconde de Castilho que vá ler a Biblia, que lá encontrará o caso de Lilitha, quando o snr. Gomes Monteiro lhes demonstra que são elles e não o snr. visconde de Castilho que precisam de ler a Biblia, para se certificarem de que não é no Genesis que se encontram as lendas talmudicas?

Reparem ainda. Um dos criticos do *Fausto* diz o seguinte, fallando com desprezo da ignorancia da lingua allemã, frequente em Portugal:

«O escandalo é evidente e dos mais vergonhosos ha ainda longa serie para a historia moderna da sapientissima companhia dos lentes da dita Universidade. Podemos affirmar que dos doutorandos dos ultimos cinco annos que conhecemos em Coimbra, nem um estaria no caso de *declinar* os verbos auxiliares allemães, sem merecer palmatoada».

Ainda que já seja muito para estranhar que não saiba um grammatico tão severo que os verbos *conjugam-se* e não se *declinam*, este erro póde considerar-se insignificante, ao lado da ignorancia flagrante dos verbos auxiliares portuguezes, em que o snr. Gomes Monteiro apanha o critico. Oiçâmos o nosso erudito compatriota.

«No 11.º verso da falla de que démos as duas versões, diz o *Gracioso*: *Drum seydt brav*. O snr. Vasconcellos, conjugando—não dizemos bem *declinando* o imperativo do verbo auxiliar portuguez *ser*, traduz, como acabamos de ver, *sejae* pois corajoso».

«Vejamus como *declina* o imperativo do verbo auxiliar *estar*. Na scena do estudante com Mephistopheles, diz este ao primeiro:

*Seyd drinnen mit dem Glockenschlag.*

« Tradução do confronto, pag. 337, linha 10

« *Estejae dentro ao golpe da sineta.* ».

Ora os taes doutorandos, que não sabem *declinar* os verbos auxiliares allemães, sem merecerem palmatoada, teem pleno direito de empunhar a ferula, e de escangalhar as mãos do snr. Vasconcellos que não sabe declinar os verbos auxiliares portuguezes.

E a Allemanha do Sul e a Allemanha do Meio-Dia apresentadas como duas regiões diversas! e a accusação feita ao snr. visconde de Castilho de ter introduzido ceremonias catholicas na Allemanha, como se já tivesse apparecido Luthero (1) no tempo do legendario doutor Fausto! e os plagiatos de Lebahn! Era-nos impossivel indicar só de relance, n'este breve folhetim, os erros crasissimos, as provas de ignorancia, as faltas de senso critico demonstradas e verberadas pelo snr. Gomes Monteiro.

Ha muito tempo que não assistimos ao spectaculo de tão completa flagellação.

.....  
 . . . . Quem é tão implacavel nas accusações, sugeita-se á pena terrivel de Talião. Quem verbera com tanta acrimonia a supposta ignorancia dos outros, tem de se suguitar humildemente ao castigo que os seus erros reclamam.

Quem falla com tanto entono tem obrigação de não

(1) Vide adiante, pag. 69.

ser ignorante das coisas mais rudimentares. O snr. Gomes Monteiro não foi severo, foi justo.

Este livro causa-nos, porém, uma profunda impressão de tristeza. Vemos que talento sério e robusto esteve afastado das lides litterarias, admirando esta esplendida manifestação da intelligencia de José Gomes Monteiro, lamentamos que as suas produções não substituissem nos catalogos da moderna litteratura portugueza os livros recheiados de balofa sciencia, e scintillantes com as lentejoilas de uma critica absolutamente phantasista (1).

PINHEIRO CHAGAS.

---

(1) O remedio para a *profunda tristeza* do snr. Chagas, está nas mãos do snr. G. M., que não será tão cruel que deixe o seu excellente amigo a carpir n'esta Babylonia; talvez se anime a dar-nos a famosa historia do *Amadis*, demais os ventos sopram favoraveis, anime-se o *consummado germanista*!



## CONDE DE SAMODÃES

---

É duvidoso — que saiba allemão.



## OS CRITICOS DO FAUSTO DO SNR. VISCONDE DE CASTILHO

(A PALAVRA, n.º 237 de 14 de Maio de 1873)

O snr. José Gomes Monteiro incumbiu-se de dar cumprimento a estes naturais desejos, e o *Fausto* do snr. Castilho, apparecendo, pôde disputar excellencias com o *Fausto* de Goethe (1).

Eis que o espirito malevolo da vaidade suscita logo a dois litteratos estouvados o capricho de criticarem aquelle que, apesar de muito mais velho nos annos, ha-de ainda viver na memoria dos homens quando já des-de seculos terão esquecido os criticos, com os nomes dissolvidos nas proprias cinzas (2).

Não havia em Portugal quem podesse traduzir o *Fausto* para verso portuguez de lei senão quem emprehenheu a ardua e temeraria tarefa.

Os homens não fazem porém mingoa nas occasiões em que são indispensaveis; e na de que se tracta sahiu do retiro habitual um critico dos criticos que pela authoridade e pelo saber os prostrou rapidamente em ter-

(1) E porque não se diz mesmo: *melhor um pouco?*

(2) Amen.

ra. Tal é a succinta historia do apparecimento recentissimo d'uma obra, verdadeira e innegavelmente de alta litteratura, intitulada: *Os criticos do Fausto do snr. visconde de Castilho*, com um exemplar da qual esta redacção foi brindada (1).

...apraz-nos (a critica) porque é espiritualista e elevada, e fulmina o materialismo e pantheismo, em que os criticos desejam fazer fortuna: satisfaz-nos porque dá lições de bom portuguez a quem assoberba a todos com os paradygmata do verbo *sein* ou do seu parceiro *haben*, que só elles conhecem n'esta boa mas bronca terra d'entre Minho e Guadiana.

.....  
 Era sabido que o snr. Castilho não conhece a formosa e opulenta lingua, em que escrevera um poeta como Goethe e um critico como Wilhelm von Schlegel.

Esta falta, insupprivel para um poeta vulgar ou um traductor commum, originou as criticas do snr. Adolpho Coelho e do snr. Joaquim de Vasconcellos.

.....  
 O snr. Vasconcellos não é hospede na lingua de Schiller e Luthero, mas bate-se como quem conhece a de Bürger e Körner (2). Aqui as forças equilibram-se: porém a vantagem declara-se pelo snr. Monteiro porque os seus conhecimentos de critica derribam os castellos

(1) O snr. G. M., brindando a redacção d'um jornal (antes papelucho) neo-catholico com uma critica ácerca do *Faust*, obra damnada d'um heretico, que foi posta no *Index*? Que falta de logica! E o nobre conde achando essa mesma obra admiravel, não teme a penitencia, não teme os raios de Roma; esqueceu-se do seu papa infallivel? *Mea culpa*, snr. conde de Samodães, *mea culpa*, *mea maxima culpa*!

(2) Que talvez não seja a mesma snr. conde?

do pedantismo, e os estudos profundos (1) da lingua vencem a superficialidade.

O snr. Vasconcellos prende-se com palavras, como, quando mesmo houvesse impropriedade algumas vezes, uma traducção livre d'um grande poeta por outro seu egual podesse adstringir-se a estas bagatellas. O snr. Gomes Monteiro não se aproveita d'esta liberdade e, cingindo-se á letra, salva ainda a traducção do naufragio (2).

No livro dos «Criticos do Fausto» o snr. Vasconcellos sahe quasi sempre mal ferido. Com rigor o snr. Gomes Monteiro ensina ao critico que *Anblick* em allemão significa aspecto (3) e não *olhar*, sendo formado do prefixo separavel *an* e do substantivo *Blick*: que *unbegreiflich* quer dizer incomprehensivel, e não incoercivel, adjectivo, que os criticos suppozeram verter o francez *insaisissable*. Ora este vocabulo incoercivel será muito mais apropriado do que incomprehensivel, mas em verdade é pouco *begreiflich* (4).

Os episodios do livro do snr. Gomes Monteiro sobre a ignorancia do auctor do *Outomno* ácerca da celebre

(1) Que descaro em mentir, quando o snr. G. M. diz: «O conhecimento que então (1833) tinhamos da litteratura e lingua allemã, não seria, como *ainda agora* não será talvez, sufficiente para penetrar a fundo n'um texto que se nos tornava cada vez mais difficil» etc.; assignado: Gomes Monteiro, *Os criticos*, pag. 84.

(2) Em que condições fica o objecto ameaçado de naufragio, isso agora...

(3) Nós traduzimos, *aspecto*; o *olhar* refere-se á traducção de A. Coelho.

(4) Incluimos este *galimatias*, em que o nobre conde se envolve para mostrar a sua sapiencia em allemão — para recreio dos compatriotas de Goethe, porque o leitor nacional mal o poderá entender.

Lilitha, primeira mulher de Adão, que o snr. Vasconcellos encontrou na Biblia nos aturados estudos que tem feito dos livros, que a formam (3).

.....

A laboriosa contenda sobre as preferencias entre as duas partes do *Fausto* é assumpto que no livro fica bastante illucidado. Para quem sem ser um grande sabio, mas simples amator, tiver lido ambas as partes d'este poema intrincado, a escolha é obvia, dando a primazia á primeira, e pondo de lado como enfadonha á força de incomprehensivel a segunda.

Os sabios e grandes pensadores poderão antepôr a ultima. O snr. Castilho com a torrente dos criticos é pela primeira parte. Os nossos doutores germanicos opinam de outro modo.

.....

O critico do *Fausto* quiz ostentar os seus affectos lutheranos censurando o traductor por uma rubrica, oposta ao quadro xx do drama, nos seguintes termos: «Interior d'um templo com eça armada, entre tocheiros accesos... Officio de defuntos, cantado a orgão».

O critico lutherano exclama:

«Não é menos escandalosa a mystificação na scena da igreja. Castilho suppõe um interior de templo, com eça armada, entre tocheiros accesos. Isto é a perfeita comedia com que nas nossas egrejas se ridiculisa um acto serio para dar ao bom povo portuguez a *mise-en-scène* necessaria, e ferir até na igreja a sua imaginação

(3) Já vimos a falsa fé da critica do snr. G. M. n'esta parte. Vide *O consummado germanista*. Porto 1873, pag. 163 e seg.

meridional. Depois faz apparecer a Margarida vestida de luto».

O snr. Gomes Monteiro sauda o lutheranophylo com a seguinte frisante apostrophe:

«Esta pueril affectação de lutheranismo, que o snr. Vasconcellos não perde occasião de ostentar, é de um ridiculo supremo. O filho adoptivo da nova Germania não se recordou, ou não sabia, que os seus avoengos por adopção ao tempo, que estes successos se suppoem passados, ainda não tinham reformado o culto catholico e os seus ritos, e que nos seus templos se celebravam officios de defuntos como nas nossas egrejas. As suas imaginações septemtrionaes eram feridas como as do bom portuguez com a *mise-en-scène* descripta pelo snr. Castilho» (1).

O snr. Vasconcellos não perdeu o tempo em ir á Allemanha. Deixou a religião do seu berço e foi enfari-nhar-se na heresia dos seus mestres.

.....  
A discussão sobre o *Glokenschlag*, a *Cicade os Pfaffen*, o *Drudenfuss*, o *Haupt und Staatsaction*, palavras intraduziveis, segundo o critico, e a de outras muitas palavras que apparecem no original e na traducção Castilho são dignas do auctor dos *Eccos da lyra teutonica*.

(1) A sapiencia do nobre conde é igual á do snr. G. M. que não se lembra, que a lenda do *Faust* é um dos symbolos mais profundos de que se aproveitou o movimento da *Reforma*, e que o protogonista se suppõe ter vivido na primeira metade do seculo xvi; ora em 31 de outubro de 1517 já Luthero havia fixado as suas 95 Theses na porta da egreja de Wittemberg. Desculpamos todavia este lapso ao nobre conde e ao *consummato germanista*, porque é natural que não conheçam a historia heretica da *Reforma*.

Para se fazer uma ideia exacta do livro do snr. Gomes Monteiro seria mister transcrevel-o todo, tão bellas são as suas paginas, tão profunda a sua critica, tão bem quadrada a lição severa dada aos censores, a respeito de cujos livros elle diz com Lessing.

Böse Bücher fügen (1) auch, guten zu der Gegenprobe.

Os maus livros são convenientes para a contraprova dos bons.

.....  
A litteratura allemã é moderna (2) mas inquestionavelmente é uma das mais opulentas.

Mal se pôde fazer uma ideia das suas innumeras bellezas e dos variados estylos dos seus auctores sem conhecer a sério a difficil lingua, em que escreveram.

Quando porém um talento poetico, como o snr. Visconde de Castilho, encontrou um interprete fiel do pensamento do auctor que deseja verter, o genio apodera-se d'elle e nas azas o transporta para onde queira.

É isto que nunca poderá fazer o mais habalisado linguista desajudado do celestes dom de fallar em verso, e fallar como sabe fallar o snr. Castilho.

O snr. Gomes Monteiro vindicou o Fausto portuguez e enriqueceu a patria litteratura com mais um li-

(1) O snr. G. M. poz *tügen* (pag. 127) e o nobre conde emenda *fügen* (!); leia-se *taugen*, (prestam), que é o que lá deve estar.

(2) A ignorancia do nobre conde corre parellhas com a do snr. G. M. no famoso prologo dos *Eccos da Lyra*. Vide para mais: *O consummado germanista*. Porto, 1873, pag. 34 e 35, passim.



vro digno d'elle e do illustre poeta, diante de cuja coroa de louros vergam a fronte quantos teem coração para sentir e alma para comprehender as producções que teem o cunho do genio... (1).

CONDE DE SAMODÃES.

FIM.

(1) ... *da especulação*, commum ao visconde e ao nobre conde, que sendo ministro da fazenda no gabinete do *celebre Bispo de Vizeu*, negociou letras do theouro a 70 e tantos por cento de juro, e mandou vender inscripções em Londres por 33,4 por cento no valor de 5:500 contos, (*Jornal da Manhã* de 24 de Setembro de 1873) levando o paiz quasi á banca-rotta! São estes os patriotas que vem á praça fallar em *vergonha*.



# INDEX

(Seguimos nos seguintes extractos a ordem chronologica)

## I

### JUIZOS SOBRE A VERSÃO DO VISCONDE DE CASTILHO

	PAG.
CAMILLO C. BRANCO— <i>Commercio do Porto</i> de 4 de Julho de 1872.....	5
PINHEIRO CHAGAS— <i>Diario Illustrado</i> , n.º 10, de 10 de Julho de 1872.....	13
ANTHERO DE QUENTAL— <i>O Primeiro de Janeiro</i> , n.º 146, de 4 de Julho de 1872.....	21

## II

### JUIZOS SOBRE A DEFEZA DE JOSÉ GOMES MONTEIRO

ANONYMO ( <i>amigo</i> )— <i>Diario Illustrado</i> , n.º 277 de 20 de Abril de 1873.....	29
CAMILLO C. BRANCO— <i>O Primeiro de Janeiro</i> , n.º 93, de 22 de Abril de 1873.....	31
GERMANO DE MEIRELLES— <i>O Progresso Commercial</i> , n.º 90, de 22 de Abril de 1873.....	39
GERMANO DE MEIRELLES— <i>Erratas</i> ao dito, n.º 91 de 23 de Abril de 1873.....	43
DR. MELICIO— <i>Commercio do Porto</i> (correspondencia de Lisboa), n.º 101 de 1 de Maio de 1873.....	47
ANONYMO ( <i>amigo</i> )— <i>Correspondencia de Portugal</i> , de 12 de Maio de 1873.....	51
PINHEIRO CHAGAS— <i>Diario Illustrado</i> , n.º 297 de 14 de Maio de 1873.....	55
CONDE DE SAMODÃES— <i>A Palavra</i> , n.º 237 de 14 de Maio de 1873.....	65



## ERRATAS

---

PAG. (do frontispício) *Der kriegergeugte*, leia-se *Du* etc.

» idem *schlachterzogne* » *schlachterzogene*  
» 3, linha 5 *da nossa raça* » *da vossa*

---

N. B. Depois de impressa a pag. 22 soubemos de uma nova tradução do *Faust* em francez por Bacharach, com um prologo indecoroso de A. Dumas, filho. Esqueceu-nos mencionar na nota (2) a tradução fiel de Porchat em prosa (186?). Ao todo pois 10 traduções francezas.